

OS ENSINAMENTOS DE SUMÉ E A TRADIÇÃO ITACOATIARA NO CONTEXTO DA PEDRA DO INGÁ: PONTES DE CONTATO COM A NARRATIVA BÍBLICA DO DILÚVIO

Matusalém Alves Oliveira¹
Washington Luís Alves de Menezes²

RESUMO:

O presente artigo tem como principal objetivo fazer um estudo sobre os ensinamentos do mito Sumé sobre o dilúvio bíblico, supostamente descritos nas Itacoatiaras da Pedra do Ingá. Para tanto, foi realizada uma análise descritiva sobre a arqueologia científica e os sítios arqueológicos, especificamente o sítio da Pedra do Ingá, localizado na Paraíba. O sítio arqueológico Pedra do Ingá é, sem dúvidas, um dos mais estudados do Estado da Paraíba. Desde o século XVIII este monumento gráfico é notificado e descrito em documentos como revistas, jornais e artigos científicos. A Paraíba possui mais de mil sítios arqueológicos catalogados pelo Programa de Conscientização Arqueológica, sendo que 70% deles são identificados como rupestres. Dentro deste contexto, encontra-se a história mitológica do Sumé, descrito como São Tomé, que teria passado pelas Américas, mais especificamente pela Paraíba, onde deixou vestígios de gravuras que insinuariam uma história parecida com o dilúvio bíblico.

PALAVRAS-CHAVE: Sumé. Itacoatiara. Pedra do Ingá. Dilúvio Bíblico.

ABSTRACT:

This monograph has as its main objective to study the teachings of the myth about the biblical flood Sumé supposedly described in Itacoatiaras Stone of Inga. To that end, we performed a descriptive analysis on the scientific archeology and archeological sites, specifically, the site of the Inga Stone, located in Paraíba. The archaeological site of the Inga Stone is undoubtedly the most studied by lay and scientific community. Since the eighteenth century this monument graph is reported and described in documents as a curiosity. Paraíba has over one thousand archaeological sites cataloged by the Archaeological Awareness Program, of which 70% are identified as rock. Within this context, is the mythological story of Sumé, described as being in Sao Tome that its passage through the Americas, specifically the Northeast, were found traces of carvings that hinted at a similar story with the biblical flood.

KEYWORDS: Sume. Itacoatiara. Inga Stone. Biblical Flood.

¹ Doutor em Educação pela Universidade de Buenos Aires - UBA; Professor de Pré-História da Universidade Estadual da Paraíba –UEPB; Coordenador Adjunto do Curso de Licenciatura Plena em História da Universidade Estadual da Paraíba; Sub-Coordenador do Programa de Conscientização Arqueológica – PROCA; Coordenador do Núcleo de Estudos Pré-Históricos – NUEPH/UEPB;

² Especialista em História do Brasil; Coordenador do Programa de Conscientização Arqueológica – PROCA; Membro Fundador do Núcleo de Estudos Pré-Históricos – NUEPH/UEPB; Sócio Palestrante da Sociedade Criacionista Brasileira – SCB; Coordenador do Bacharelado em Teologia pela FACETE/INTA – C.Grande/PB

INTRODUÇÃO

A tradição Itacoatiara é caracterizada pela presença de gravuras com poucas representações geométricas, como pisadas humanas e pisadas zoomorfas diversas na arte rupestre. Recentemente, foi alvo de uma série de interpretações místicas possibilitando uma interligação com o mito do Sumé (CAVALCANTE, 2008).

De acordo com Cavalcante (2008), de todas as manifestações rupestres pré-históricas do Brasil, aquela que mais tem sido objeto de interpretações fantásticas é a de Itacoatiara, no contexto da Pedra do Ingá, localizada na Paraíba.

A Pedra do Ingá é um monumento arqueológico, tombado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), considerado, por muitos estudiosos, como um dos mais importantes de seu gênero no Brasil. As inscrições despertam interesse de cientistas, uma vez que podem reunir muitas informações sobre a vida e os costumes do homem pré-histórico no Continente.

Alguns estudiosos correlacionam a Itacoatiara ao mito Sumé, enigma que abrange todo o continente americano. Sumé tem sido identificado como o apóstolo Tomé, que teria passado pelo Brasil e deixado suas pegadas em baixo relevo nas rochas.

Desta forma, é importante realizar um estudo no intuito de demonstrar a interligação das diversas artes, tanto as descobertas arqueológicas da Itacoatiara como a mitologia civilizadora de Sumé, fazendo um paralelo com o dilúvio bíblico.

As descobertas arqueológicas são aquelas que têm uma ligação com a pré-história, sendo que os objetos descobertos são os artefatos ou vestígios arqueológicos que são encontrados através de escavações ou achados que são submetidos a estudos por profissionais especializados. Os estudos, na verdade, são exames que comprovam a autenticidade do artefato através de técnicas científicas como a erosão química e a análise microscópica do DNA.

O objetivo principal deste estudo é estabelecer uma relação entre os ensinamentos do mito Sumé e o dilúvio bíblico descritos nas Itacoatiaras da Pedra do Ingá, mostrando que as pesquisas e, conseqüentemente, as descobertas arqueológicas são, muitas vezes, decorrentes da existência de mitos criados ao longo do tempo.

O procedimento metodológico se dará a partir da conceituação e identificação dos sítios arqueológicos pré-históricos de uma maneira geral a fim de, em seguida, percorrer sobre os sítios arqueológicos da Paraíba (mais especificamente o sítio arqueológico da Pedra do Ingá, , fazendo um paralelo com os mitos civilizadores, ou seja, a história que é contada para situar ou identificar determinado acontecimento, relacionando-os aos artefatos ou vestígios encontrados. Assim, torna-se relevante relacionar a Pedra do Ingá ao contexto das informações dos habitantes daquela região, conhecer as lendas e credences do povo, tentando, por assim dizer, “juntar as peças do quebra-cabeça”, com o objetivo de associar a história de Sumé com a narrativa do dilúvio bíblico, no contexto daquelas gravuras.

O trabalho está dividido em três partes. Na primeira, a preocupação reside em caracterizar a arqueologia científica, conceituando e identificando os sítios arqueológicos e as artes rupestres de um ponto de vista técnico; a segunda parte aborda as informações acerca do sítio arqueológico da Pedra do Ingá, mostrando todas as especificações daquele sítio arqueológico; na terceira parte, será feito um levantamento sobre os mitos civilizadores, mais especificamente sobre o mito Sumé.

A ARQUEOLOGIA CIENTÍFICA

Todo elemento, quer orgânico ou inorgânico, cuja origem remonta a uma época pré-histórica e de produção e/ou utilização antrópica, poderá ser utilizado como objeto de estudos para a arqueologia. Eles são conhecidos como “artefatos ou vestígios arqueológicos”. São objetos descobertos em escavações, feitos de argila, pedra, madeira ou ossos. Em geral, são os elos mais conhecidos com o passado pré-histórico do homem. Mas, quando as pistas não são imediatamente claras, existe uma série de técnicas científicas que podem ser usadas para decifrar o passado. Elas vão desde a erosão química a análises microscópicas do perfil do DNA.

Para se datar um testemunho arqueológico, utilizam-se dois tipos de datações: a datação Absoluta e datação Relativa. Um exemplo de datação relativa diz respeito à dendrocronologia, que se baseia nos círculos dos troncos das árvores. Há, também, uma série de processos químicos, como por exemplo, o teste de carbono 14 que consiste em datação absoluta. A partir deste método de datação, é possível dizer a idade de um objeto, considerando a quantidade de carbono encontrado nele.

Conceituando um Sítio Arqueológico Pré-Histórico

É considerado Sítio Arqueológico todo local onde exista um conjunto de vestígios humanos pré-históricos:

- Restos de alimentos;
- Pintura ou desenhos;
- Utensílios fabricados e utilizados pelo homem;
- Fezes e outros dejetos expelidos pelo homem;
- Restos mortais do homem.

A conservação vai depender de que tipo é o vestígio, do clima da região e do solo onde foi encontrado:

I – Vestígios favoráveis à preservação:

- Utensílios de pedra e cerâmicos;
- Ossos;
- Carvão;
- Fezes.

II – Vestígios menos favoráveis à preservação:

- Madeira;
- Carne;
- Couro.

III – Clima e solo favorável à preservação:

- Clima seco;
- Solo árido.

IDENTIFICANDO UM SÍTIO ARQUEOLÓGICO

A identificação de um Sítio Arqueológico é feita através de prospecção seguida de escavação, quando necessária, ou através da arte rupestre.

TIPOS DE SÍTIOS ARQUEOLÓGICOS

Os sítios sambaquis são formados de montes de conchas, de mariscos, ostras e outros moluscos, os quais eram utilizados como alimento pelas populações pré-históricas. Os sambaquis são encontrados no litoral e margens de alguns rios. Nos sítios cerâmicos, são encontrados alguns utensílios cerâmicos ou objetos que foram confeccionados e utilizados pelos homens pré-históricos.

Além desses, temos o sítio lítico, que apresenta diversos objetos de pedras fabricados pelo homem, tais como ponta de flecha, machadinha, facas etc., o sítio de sepultamento, onde, conforme o próprio nome propõe, ocorriam sepultamentos humanos. Por fim, o sítio rupestre, onde se podem encontrar pinturas, desenhos ou gravuras feitas pelo homem pré-histórico.

Todo e qualquer sítio arqueológico deve ser preservado, principalmente quando está localizado em ambientes frágeis e/ou expostos às mais diversas agressões climáticas e humanas. Uma vez danificado, o sítio arqueológico não pode ser recuperado. Devido à sua fragilidade, esses monumentos arqueológicos são suscetíveis à corrupção provocada pela ação do tempo, bem como a intervenção humana: a construção civil, a extração de rochas, a falta de informações e, conseqüentemente, o vandalismo.

SÍTIOS ARQUEOLÓGICOS NA PARAÍBA

No interior da Paraíba, existe um número significativo de sítios arqueológicos. Entre os citados bibliograficamente e os conhecidos pelo Programa de Conscientização Arqueológica – PROCA, somam-se mais de mil. Destes, mais de 70% são identificados através de registros rupestres: gravuras e pinturas estampadas em paredões rochosos, distribuídos nos leitos dos rios, vales e serras (OLIVEIRA, 2009).

A intenção deste trabalho é também contribuir para a preservação do patrimônio arqueológico da Paraíba, assegurando a integridade dos sítios pré-históricos para futuras pesquisas arqueológicas no Estado.

AS GRAVURAS RUPESTRES NA PARAÍBA

As gravuras rupestres da Paraíba distribuem-se por quase todo o território. Sua peculiaridade é sempre estar associada a fontes hídricas.

Dentre as itacoatiaras paraibanas, o sítio arqueológico Pedra do Ingá é, sem dúvidas, o mais estudado por leigos e comunidade científica. Desde o século XVIII, este monumento gráfico é notificado e descrito em documentos.

As gravuras rupestres paraibanas apresentam grande variedade no que diz respeito à técnica e temática. Muitos de nossos sítios apresentam-se com alto grau de complexidade gráfica, cujas inscrições demonstram uma grafia esquemática e simbólica.

Tendo como base os grafismos da Pedra de Ingá, as Itacoatiaras foram divididas da seguinte maneira:

Quanto à técnica:

- Itacoatiara picoteada
- Itacoatiara profunda com polimento
- Itacoatiara riscada

Quanto ao suporte:

- Itacoatiara de piso
- Itacoatiara de parede

Quanto ao espaço:

- Itacoatiara de leito e margem de rio
- Itacoatiara de proximidade de fontes hídricas.

Para poder estabelecer o perfil técnico de gravuras rupestres pré-históricas, é preciso analisá-las como produto de uma série de ações sobre um suporte. Trata-se, portanto, de identificar um procedimento técnico, caracterizando-o pelos seus componentes e as etapas de realização. Isso implica identificar o conjunto das cadeias operatórias que integram a técnica aplicada.

A análise, em princípio, deveria considerar os seguintes fenômenos:

- I - A matéria prima, que é o suporte sobre o qual se grava;
- II - Os instrumentos para gravar, que são os recursos que permitem atuar sobre a matéria;
- III - Os processos de gravação, que podem estar constituídos por cadeias operatórias que reagrupam sequências gestuais e

IV - O conjunto de conhecimentos técnicos; por tratar-se de épocas pré-históricas, as gravuras não se apresentam dentro de um contexto de símbolos já conhecidos, e faz parte do estudo recuperar os dados para sua reconstituição.

A metodologia empreendida por Gabriela Martín (1999) de se estudar uma região potencialmente arqueológica a partir de um sítio base será utilizada esta mesma metodologia para sistematizar este trabalho.

O estudo da arte parietal com enfoque arqueológico deve seguir uma sequência lógica segundo a qual parte-se do sítio rupestre-chave que deu início à pesquisa. Altamira, na Espanha, Lascaux, na França, ou o Boqueirão da Pedra Furada, no Brasil, podem, pela sua importância, servir de parâmetros, de forma que as linhas de pesquisa e didáticas desenvolvam-se com três abordagens:

I - O Sítio

- Como monumento rupestre;
- O entorno do sítio;
- Seus problemas de conservação e apresentação didática.

II - Os Registros

- O estudo técnico e estilístico;
- As tradições rupestres da área.

III - O Contexto Arqueológico

- As relações com os registros rupestres;
- O entorno ecológico da área.

Este esquema é válido para qualquer área rupestre, pois dificilmente um sítio com representações parietais apresenta-se isolado, formando sempre parte de um entorno de maior ou menor densidade.

INFORMAÇÕES ACERCA DO SÍTIO ARQUEOLÓGICO PEDRA DO INGÁ

O sítio arqueológico Pedra do Ingá localiza-se a aproximadamente cinco quilômetros da zona urbana do município de Ingá – PB e a quarenta quilômetros de Campina Grande - PB.

Sua formação monumental é composta de um afloramento de origem gnáissica que divide no local o Rio Bacamarte em dois braços. O referido monumento é identificado arqueologicamente por possuir um conjunto de figuras rupestres gravadas em baixo relevo com delicados acabamentos e polimentos.

Este conjunto rupestre está distribuído de maneira assistemática em três painéis distintos, os quais geralmente são divididos da seguinte maneira:

- O painel principal – encontra-se em um paredão com aproximadamente vinte e quatro metros de comprimento por três de altura, o qual está decorado

com grafismos puros, geométricos, representações antropomorfas, zoomorfas e fitomorfas, além de capsulares;

- O segundo painel está estampado no piso inferior logo abaixo do painel principal e está representado por figuras que lembram astros celestes por estarem interligados dando a ideia de constelações;
- O terceiro painel pode ser observado no piso superior, logo acima do painel principal, possui menor quantidade de grafismos em relação aos demais e são, na maioria, representações esquemáticas e de menor profundidade.

Além dos três painéis citados, existem outros grafismos distribuídos na fase norte do paredão rochoso que abriga o painel principal.

A conservação do sítio arqueológico Pedra do Ingá, vem sendo discutida por autoridades em arqueologia há décadas, porém, os fatores perturbadores deste importante monumento continuam assolando a sua integridade. A poluição das águas do rio Bacamarte, o desmatamento no entorno, a construção civil e a presença humana sem controle causam-lhe pequenos abalos, ocasionando o aceleramento da descamação dos painéis rupestres; são estes alguns dos inúmeros fatores que afetam a Pedra do Ingá.

Clerot já relatava os problemas de conservação da Pedra do Ingá na década de 60. Ele afirma:

Em dias de 1953 estivemos no local, surpreendendo uma turma de operários cavouqueiros, destruindo o pedregal; os blocos da cercadura nas duas margens do rio estavam sendo reduzidos a rachões e paralelepípedos para a pavimentação das ruas da Capital. Esse ato de destruição e vandalismo havia sido autorizado pelo proprietário das terras onde se encontrava o pedregal, embora a 50 metros de distância existam pedras bastantes para pavimentar o décuplo da área de pavimentação prevista (CLEROT – 1969).

Em 1993, Morales apresentou na VII Reunião da Sociedade Brasileira de Arqueologia, em João Pessoa – PB, uma visível preocupação com a conservação da Pedra do Ingá:

Uno de esos procesos de desarrollo más alarmantes a corto plazo es el de la rotura de placas del borde de la piedra por encima de la cara que recoge la mayoría de los grabados. Las roturas parecen efecto de una descamación previa, y pudieron haber sido originadas por fenómenos de contracción y pudieron haber sido originadas por fenómenos de asociación y dilatación bruscas, por efecto mecánico de pisadas, o una asociación ambas causas. El resultado final es, en todo caso la pérdida de fragmentos de roca, que dejan expuestos frentes o escalones de un cm aproximadamente de espesor, normalmente fisurados en su base. Varios de estos frentes de rotura inspeccionados en detalle, mostraban la entrada de materia orgánica fina, normalmente de origen vegetal, en las fisuras, y en otros casos revelaban la presencia de insectos o nidos de los mismos en su interior” (MORALES 1993)

Como consequência desta VII Reunião da SAB, foi realizado no ano de 1996, o molde da Pedra do Ingá, atividade esta que resultou em duas cópias do painel principal em seu tamanho original, uma ficou sob a tutela da Universidade Federal de Pernambuco - UFPE e a outra da Universidade Federal da Paraíba – UFPB. Este projeto só foi possível devido à parceria entre três universidades e uma fundação: UFPE, UFPB, Universidade de Lyon – França e a Fundação Homem Americano – FUNDHAM.

O projeto de moldagem da Pedra do Ingá foi aprovado e supervisionado pela equipe de arqueólogos da UFPE, coordenado pela professora Gabriela Martin, a qual enviou estagiários e profissionais que, sob a coordenação do professor e engenheiro Abel Pier, da Universidade de Lyon, realizaram a confecção do molde.

Afora as agressões físicas sofridas, o sítio arqueológico Pedra do Ingá é vítima também de inúmeras tentativas de interpretações fantasiosas, empreendidas por todo tipo de profissionais e leigos que se utilizam das colunas sensacionalistas de jornais e revistas para atribuir a origem das inscrições rupestres a hititas, fenícios, hebreus e extraterrestres.

O sítio arqueológico do Ingá não está isolado, encontra-se contextualizado com mais outros sítios semelhantes em temática, técnica e ocupação espacial. O Programa de Conscientização Arqueológica (PROCA³) já registrou na Paraíba mais de uma centena de ocorrências rupestres semelhantes às do Ingá, das quais é possível destacar as seguintes: itacoatiaras do Estreito, Cachoeira do Caldeirão, Cachoeira do Pedro, Engenho Pintura, Itacoatiaras do Vale do Sabugi, Chorão, Macacos, Caracozinhos, Batente, entre outros.

O PROCA é adepto da corrente metodológica da equipe de Arqueologia da UFPE, que vem, desde a década de 80, sistematizando os estudos dos registros rupestres, para serem utilizados num contexto arqueológico, entendendo a Itacoatiara do Ingá dentro do seguinte contexto:

Nos cursos de muitos rios, arroios e torrentes do Brasil, existem disseminados de norte a sul, desde o Amazonas ao Rio Grande do Sul, gravuras indígenas realizadas nas rochas das margens e nos leitos dos cursos d'água. São conhecidas pelo nome de Itaquatiaras (pedradas pintadas, em língua tupi) [...] A Itaquatiara do Ingá ou Pedra Lavrada de Ingá, na Paraíba, é, sem dúvida, a mais famosa gravura rupestre do Brasil. (MARTIN - 1999).

Uma característica das gravuras rupestres distribuídas pelo Brasil é que um número importante dos suportes rochosos encontra-se nas proximidades de pontos naturais de acumulação d'água, seja: o curso de um rio, uma nascente um lago ou um caldeirão. Esta tendência aparece dominante não apenas com as características hídricas de hoje, mas também se pode observar nos vestígios de antigos cursos d'água pelo ambiente, sugerindo que se trata de uma escolha muito antiga (PESSIS – 2002).

³ De agora em diante, apenas PROCA.

A data do tombamento da Pedra do Ingá aconteceu em 1944, Pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN⁴, criado em 1937 pelo presidente Getúlio Vargas, através do Decreto-Lei nº 25, criando a Lei do Tombamento.

Com relação à primeira excursão arqueológica do Instituto Histórico e Geográfico Paraibano – IHGP à pedra do Ingá, ela ocorreu em 7 de Setembro de 1949, realizada pelo presidente do IHGP: Pe. Clóvis de Lima. Em 1956, aconteceu a primeira citação bibliográfica da Pedra do Ingá, feita por Domingos Monteiro da Rocha.

O primeiro trabalho sistemático arqueológico da Pedra do Ingá foi realizado nas décadas de 40 e 50 por José Anthero Pereira Júnior. Em 1953 houve a primeira denúncia de depredação da Pedra do Ingá, denúncia esta feita pela Sociedade Paraibana de História Natural ao IPHAN. Em 1999, uma obra patrocinada pelo Estado da Paraíba e autorizada pelo IPHAN, tratava-se de um muro de concreto para a proteção daquele Sítio Arqueológico.

HERÓIS E MITOS CIVILIZADORES

Desde os primórdios da humanidade, o ser humano em seu imaginário coletivo admite a existência de heróis e mitos civilizadores, cujos caminhos se cruzam entre diversas comunidades, oferecendo-lhes afinidades sociais.

Segundo Mercier (1995 apud SILVA, 2010), é na tradição das antigas narrativas e dos arquivos universais que o homem poderá encontrar a sua verdadeira identidade mágica. Dentro desta perspectiva, podemos citar o mito Sumé, que assumiu diversos nomes ao longo do continente americano: Sumé; Xumé; Pai Abara, entre os índios; Quetzalcoatl, nas culturas de meso-américa; Sommay, entre os Caríbas; Zemi, no Haiti; Zamima, na América Central; etc. Observa-se, no entanto, que é sempre a mesma figura: homem branco, longa barba, que saía das águas para ensinar o cultivo da mandioca e outras técnicas, para falar sobre a criação, destruição e reconstrução do mundo (SILVA, 2010).

Segundo os relatos, a referida figura mitológica empenhava-se em ensinar determinadas leis, estabelecendo novo código moral, condenando a antropofagia e a poligamia; mas os homens se aborreciam com isso, principalmente os curandeiros que se sentiam ameaçados, passando a perseguí-lo. Em alguns lugares, era vítima de flechas, saindo, porém, sempre incólume dos atentados sofridos. Insatisfeito com o procedimento traiçoeiro daqueles que ele julgava beneficiados com seus ensinamentos, retirava-se, andando de costas sobre as águas do mar, lago ou do grande rio de onde viera anteriormente, prometendo voltar para continuar sua obra civilizatória. O Mito do Sumé-Tomé rapidamente espalhou-se por toda a colônia brasileira e colônias espanholas da América do Sul. As pedras gravadas em baixo relevo, bem como as pinturas rupestres, são, segundo narrativas, pontos importantes

⁴ De agora em diante, apenas IPHAN

do caminho pré-histórico da referida figura mitológica. Gravuras no mesmo estilo são encontradas na Bolívia e Peru, confirmando a presença do herói mítico, que partiu do Brasil em direção aos Andes. As referidas gravuras tornaram-se uma marca da engenharia dos Incas, pois era desse modo, com a implantação de um pé humano, que se identificavam nas estradas peruanas a direção e as distâncias. Assim, a figura de Sumé é encontrada em praticamente toda a extensão das Américas.

Os vestígios de pés humanos, gravados em pedras, foram mostrados pelos índios aos primeiros portugueses que chegaram ao Brasil. É possível identificar em algumas localidades, como em São Gabriel da Cachoeira, no rio Negro (Amazonas), que os moradores, nos dias atuais, depositam velas e fazem preces em torno de uma pegada feita em uma pedra, sendo atribuída a um anjo ou a São Tomé, ou Pai Sumé. Na Bahia, pessoas simples também informam indícios da fuga de Sumé.

Estudiosos defendem que Sumé apresentava-se com algumas variáveis no tipo de calçado e mesmo no temperamento, dependendo da região em que era conhecido. No Brasil andava descalço, no Paraguai usava sandálias e no Peru um sapato parecido com sandálias. No Brasil o apóstolo apresentava um temperamento mais amável, enquanto que no Paraguai e Peru era mais rigoroso.

O relato de Sumé se constitui em um elemento que caracteriza a procedência andina do tupi e, provavelmente, sua origem asiática. A história nos relata que o nome do apóstolo Tomé teria percorrido a Índia, a China e até algumas ilhas da Oceania. Entretanto, o nome deste apóstolo aparece entre os tupis e isso serve como uma indicação importante de sua passagem também nas terras brasileiras.

Essas histórias não justificam por si só a passagem do apóstolo no continente americano e especificamente no Brasil. É importante ressaltar a informação de sua passagem pela América Meridional, entre um povo procedente do Pacífico. Desalojado dos Andes ou da orla do Pacífico por algum povo mais forte, o tupi veio a estender-se ao longo do Atlântico a fim de executar uma conquista gradual da terra. Através do referido êxodo, o mito do Sumé foi recriado como histórias relacionadas ao apóstolo Tomé. Compreende-se que a fonte de tal ligação diz respeito à proximidade fonética entre Sumé e Tomé.

Sérgio Buarque de Holanda em sua respeitada obra *Visão do Paraíso* informa que os portugueses já tinham amplo conhecimento da forte influência da passagem e evangelização feita por São Tomé em possessões suas na África. Lá, se cultuavam em geral o mesmo tipo de relíquias que na América foram atribuídas ao santo: pegadas, fontes de água, etc. (HOLANDA, 2010).

Talvez essa similaridade tenha sido um dos elementos responsáveis pela cristianização do mito de Sumé, pois com a mentalidade espiritual medieval, ainda presente, poderia ser muito fácil transformar Sumé ou Zumé em São Tomé. Através da ampla comunicação entre os jesuítas, o mito do Apóstolo Tomé foi recriado e vastamente divulgado.

O renomado historiador das religiões, Micea Eliade, destaca o quanto um

modelo a ser seguido é importante para as sociedades primitivas. Isto explica por que foi tão valioso o modelo de Tomé para os jesuítas que estavam imersos na tarefa missão de evangelização dos índios (ELIADE, 2000).

Em praticamente todas as citações, Sumé aparece relacionado a antigas marcas em pedras. Geralmente são gravuras criadas por culturas pré-históricas, desde “pegadas” a pinturas diversas interpretadas como “letras”. Em alguns casos, são marcas naturais que, por acaso, assemelham-se a pegadas humanas.

Marcas similares são encontradas em várias partes do mundo, sendo atribuídas a diferentes personalidades: Jesus, São Bartolomeu, São Tomé ou ainda a heróis míticos. Na ilha de Sri Lanka (antigo Ceilão), uma montanha guarda uma marca sagrada de um pé humano. Os budistas dizem que é a marca de Buda; os cristãos dizem que é de São Tomé; os hindus dizem que é de Shiva e os muçulmanos e judeus a atribuem a Adão, e assim por diante.

Dentre os muitos registros atribuídos a Sumé, encontra-se a Pedra do Ingá, um dos maiores e mais importantes sítios arqueológicos do Brasil. De fácil localização e acesso – cerca de 100 quilômetros de João Pessoa –, à margem do rio Ingá de Bacamarte, ela é classificada pelos arqueólogos como “Itaquatiara”, que em tupi significa “pedra pintada”, embora, curiosamente, as inscrições estejam esculpidas em baixo relevo e não sejam pintadas. Seu bloco principal, medindo 24 metros de comprimento por 3,8 metros de altura, divide o rio Ingá de Bacamarte em dois, durante o inverno. No verão, o rio corre por trás das inscrições.

Pode-se constatar que a maioria das inscrições forma um fabuloso painel com dezenas de gravuras, provavelmente produzidas pelo uso de instrumentos de pedra, que “guardariam” dados sobre o cotidiano e de acontecimentos marcantes dos grupos indígenas que ali viveram. Ao se observar minuciosamente essas inscrições, é possível distinguir figuras que se assemelham a astros, figuras antropomorfas, zoomorfas, fitomorfas ou mesmo gravuras desconhecidas.

Uma análise detalhada das gravuras ali encontradas pode abrir espaço para pontes de contato entre o mito de Sumé e a narrativa bíblica do dilúvio, e não somente com esta, mas com outras narrativas de uma grande inundação, as quais podem ser encontradas em diferentes culturas. Uma breve descrição do relato bíblico acerca do dilúvio será elucidativa a esta altura.

A narrativa bíblica do dilúvio mostra um Deus descontente com as imprudências humanas. Deus resolve destruir os homens, porém poupa Noé, sua esposa e três filhos com as respectivas esposas. Deus, então, ordena a Noé que construa uma arca e convoque um casal de cada espécie de animal a fim de que sobreviva ao dilúvio (Gn 6). Em seguida, Noé e sua família ficam quarenta dias e quarenta noites debaixo de chuva. Toda a espécie humana é destruída, sobrando somente os tripulantes da arca. Quando sai da arca, Noé firma uma aliança com Deus, que promete que nunca mais haverá outro dilúvio (Gn 8).

Na Suméria, encontra-se o mito de Gilgamesh. Segundo a narrativa, Gilgamesh

parte em uma jornada de aventuras em busca da imortalidade. Nesta busca, encontra as duas únicas pessoas imortais: Utanapistim e sua esposa. Estes contam a Gilgamesh como conquistaram tal sorte: o casal recebeu o dom da imortalidade ao sobreviverem ao dilúvio que consumiu a raça humana (BRITO, 1993)

A mitologia greco-romana nos conta a história de Deucalião e Pirra, os sobreviventes do dilúvio imposto por Zeus com o propósito de exterminar a raça humana. Segundo esta tradição, Deucalião reinava sobre a Tessália na Idade do Bronze, época em que o homem estava muito degenerado, entregando-se a vícios e maldades. Zeus, para castigá-lo, decidiu destruir a raça humana através de um dilúvio. Deucalião, porém, atendendo à orientação de seu pai e conhecendo as pretensões de Zeus, constrói uma embarcação na qual se protege, juntamente com a mulher, Pirra, da grande inundação. Segundo esta história, a terra inteira é submergida e seus habitantes mortos. Deucalião e Pirra ficam nove dias e nove noites encerrados na embarcação. No décimo dia desembarcam no monte Parnaso. Zeus perdoa os dois sobreviventes, concedendo-lhes a realização de um pedido. Os dois pedem o repovoamento da Terra.

O Dicionário da Bíblia John D. Davis afirma que, nos registros assírios, consta a informação de que os antigos reis da Assíria governaram “após o dilúvio”. Também afirma que em registros do Rei Assurbanipal, este se refere a inscrições anteriores ao dilúvio (DAVIS, 1985).

Baisbasbata, na mitologia hindu, foi salvo do Dilúvio, possuindo uma história análoga a de Noé. Antigos documentos astecas afirmam que Coxcox se salvou, juntamente com sua esposa, num barco, abandonando tal barco no Monte Colhuacau. Pinturas retratando este grande dilúvio foram encontradas entre os astecas, os mistecas, os zapotecas, os tlascalanos e muitos outros.

Os maias também deixaram crônicas gravadas em hieróglifos, as quais foram quase que totalmente destruídas pelos espanhóis. Porém, seu conteúdo permaneceu vivo na memória das pessoas e foi transcrito para uma crônica em latim. Essa crônica, intitulada Popol Vuh, retrata um grande cataclismo e um dilúvio ocorrido em uma terra a qual era considerada como sendo o paraíso na Terra.

Os primeiros colonizadores da América do Norte deixaram relatos de que as tribos dos Grandes Lagos possuíam uma lenda que falava de uma grande inundação e de um salvador, ou “Noé”. Os hopi sustentam que houve um lugar que foi destruído por conta da violência e da corrupção e os iroqueses, por sua vez, narram que apenas um homem, uma mulher e um casal de cada raça animal se salvaram.

Na Colômbia, os índios chibchas possuem uma lenda que só difere da dos gregos nos nomes empregados aos deuses. Ambas as lendas mencionam um deus que sustentava os céus (e às vezes a Terra) e um grande dilúvio no qual as águas teriam escorrido para um buraco aberto na superfície da Terra. Os incas também possuíam a tradição do dilúvio. Há uma lenda inca que conta que as chuvas teriam durado 60 dias e 60 noites, ou seja, 20 a mais do que no relato bíblico do dilúvio. E

a lenda de Tamandaré, dos índios guaranis, também retrata um dilúvio e a salvação de um casal no alto de uma montanha.

A RELAÇÃO ENTRE A ITACOATIARA DO INGÁ E O DILÚVIO BÍBLICO

Há quem admita que a destruição do mundo através de um dilúvio pode ser observada nas gravuras da pedra do Ingá, quase que repetindo a narrativa bíblica bem como o relato de outras culturas. Brito (2001) faz uma abordagem interessante, na qual os antigos habitantes da cidade narravam que a linha superior dos capsulares⁵ divide os fatos mostrados pelos sobreviventes, tendo acima as representações da viagem e abaixo a história do que se passou durante o percurso.

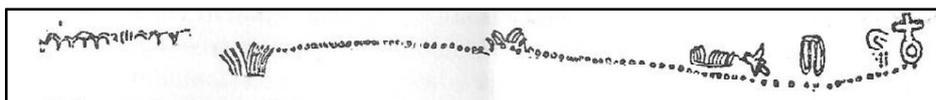


Figura 01. Ilustração do percurso da história.

Fonte: Brito (2001)

A história oral de antigos moradores de Ingá refere-se às gravuras localizadas acima da linha de capsulares, no sentido esquerdo-direito. No início, aparecem formas assemelhadas a densas nuvens favorecendo fortes precipitações pluviométricas e elevando, adiante, o que presumivelmente evidencia uma embarcação. À frente, acompanhando a sequência de capsulares, encontra-se, na opinião dos ingaenses, a reprodução de um navio que navega pesadamente com boa parte do casco escondido sob as águas. Seguindo a linha pontilhada, vamos encontrar a embarcação acima das águas, como se estivesse encalhada, e pouco mais à frente um pássaro que circula a nau à procura de vegetação.

A figura 1 não tem identificação lógica por parte dos habitantes, que acreditam ser uma referência ao fim da enchente. Na seguinte, uma luz em crescente, ao lado de oito capsulares pouco abaixo, estaria determinando o tempo exato da aventura, e, no final da sequência pontilhada, o símbolo da vida, marcando, segundo os antigos egípcios, o vitorioso fim da viagem.

Segundo o relato, os viajantes teriam desembarcado nas proximidades da Pedra do Ingá, onde deixaram a embarcação que ainda hoje pode ser encontrada. Existem informações de que na fronteira da Paraíba com Pernambuco, não muito longe de Ingá, existe uma formação de pedra (Figura 02) similar a uma embarcação, conhecida por “Pedra do Navio”. A Pedra de médias proporções imita perfeitamente um navio em todos os detalhes, da popa à proa, e se encontra em fase de depreciação.

⁵ Pontos ou depressões circulares.

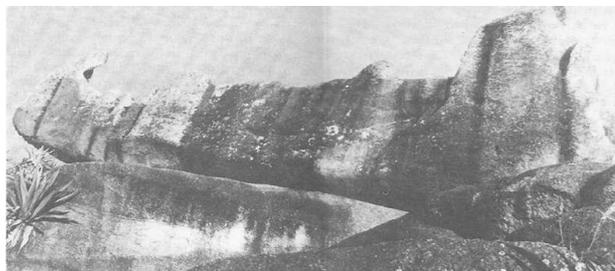


Figura 02. A Pedra do Navio
Fonte: Brito (2001)

Outro aspecto que se poderia ressaltar é uma suposição sobre a possível influência de Sumé e seus ensinamentos junto às tribos indígenas da região. Ao se analisar o painel da pedra do Ingá, nota-se que existe uma organização sistemática nas gravuras, observando-se que poderia ser uma narrativa da criação similar ao relato bíblico, conforme é possível observar na figura abaixo, verificando da esquerda para direita.

- Na primeira parte encontram-se figuras relacionadas a plantas.
- Na segunda parte, figuras relacionadas a animais.
- Na terceira parte, figuras relacionadas a pessoas.

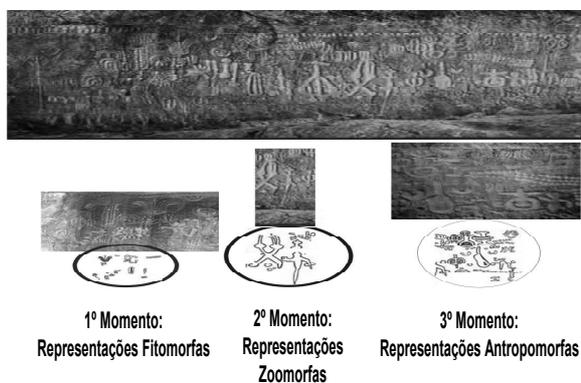


Figura 03. Esquema ilustrativo da relação da pedra do Ingá com a criação e destruição do mundo, conforme narrativa bíblica.
Fonte: Brito (2001).

Registra-se a seguir um trabalho do cantor paraibano Zé Ramalho, que, encantado com as histórias de Sumé, escreveu a seguinte composição ao passar pela pedra do Ingá:

OS SEGREDOS DE SUMÉ (letra e música – Zé Ramalho)

Quando as tiras do véu do pensamento
 Desenrolam-se dentro de um espaço
 Adquirem poderes quando eu passo
 Pela terra solar dos cariris
 Há uma pedra estranha que me diz
 Que o vento se esconde num sopé
 Que o fogo é escravo de um pajé
 E que a água há de ser cristalizada
 Nas paredes da pedra encantada
 Os segredos talhados por Sumé
 Um cacique de pele colorida
 Conquistou docilmente o firmamento
 Num cavalo voou no esquecimento
 Dos saberes eternos de um druida
 Pela terra cavou sua jazida
 Com as tábuas da Arca de Noé
 Como lendas que vêm do Abaeté
 E como espadas de luz enfeitiçada
 Nas paredes da pedra encantada
 Os segredos talhados por Sumé
 Cavalgando trovões enfurecidos
 Doma o raio lutando com Plutão
 Nas estrelas-cometa de um sertão
 Que foi um palco de mouros enlouquecidos
 Um altar para deuses esquecidos
 Construiu sem temer a Lúcifer
 No oceano banhou-se na maré
 E nas montanhas deflorou a madrugada
 Nas paredes da pedra encantada
 Os segredos talhados por Sumé
 Sacrifique o cordeiro inocente
 Entre os seios da mãe-d'água sertaneja
 Numa peleja de violas se deseja
 E que o sol se derrube lentamente
 Que a noite se perca de repente
 Num dolente piado de guiné
 Nos cabelos da ninfa Salomé
 Nos espelhos de tez enluarada
 Nas paredes da pedra encantada
 Os segredos talhados por Sumé.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

As descobertas arqueológicas são importantes no contexto histórico de um povo. Como este artigo tentou mostrar através das Itacoatiaras, um tipo de gravura em pedras, com desenhos que ilustram a trajetória de um povo, pode-se encontrar respostas para diversas questões relacionadas à identidade pré-histórica.

Com base em descobertas arqueológicas bem como na mitologia popular, buscou-se defender uma relação entre a Pedra do Ingá e a narrativa do dilúvio bíblico. Tal relação, portanto, é admitida a partir de relatos científicos e históricos. O mito Sumé é identificado como o discípulo Tomé, que passou pelas Américas com ensinamentos diversos para os povos de cada região por onde passou.

Em relação à pedra do Ingá, este sítio arqueológico encontra-se em consonância com outros sítios, tendo em vista sua temática, técnica e ocupação espacial. O PROCA já registrou na Paraíba mais de uma centena de ocorrências rupestres semelhantes as do Ingá, dentre as quais é possível destacar as seguintes: Itacoatiaras do Estreito, Cachoeira do Caldeirão, Cachoeira do Pedro, Engenho Pintura, Itacoatiaras do Vale do Sabugi, Chorão, Macacos, Caracozinhos, Batente, etc.

Conclui-se que existe uma intrínseca relação entre a pedra do Ingá e a narrativa bíblica do dilúvio. Os vestígios arqueológicos das Itacoatiaras, as gravuras esculpidas na pedra, permitem pensar numa grande inundação, da qual algumas pessoas sobreviveram a partir de uma embarcação. Essas gravuras teriam sido feitas por São Tomé, ou Sumé, como a lenda o descreve, a fim de explicar a narrativa bíblica do dilúvio.

REFERÊNCIAS

- ABREU, Capistrano de. **Caminhos Antigos e Povoamento do Brasil**. 2. ed. São Paulo: Livraria Briguiet, 1960.
- ALMEIDA, Elpídeo de. Copaoba- Borborema. **Revista Campinense de Cultura**, Campina Grande, a. III, n. 7, 1966.
- ALMEIDA, Horácio de. **História da Paraíba**, v. 1. João Pessoa: Ed. Universitária/UFPB, 1978.
- ALMEIDA, Ruth Trindade de. **A Arte Rupestre nos Cariris Velhos**. João Pessoa: Ed. Universitária/UFPB, 1978.
- ALMEIDA, Ruth Trindade de. Um Sítio Arqueológico Histórico. **Revista do Curso de Mestrado em História, CLIO**. Recife-PE, n. 3, 1980.
- ANTUNES FILHO. **Gilgamesh**. Mairaporã-SP: Veredas, 1999.
- AZEVEDO, Carlos A. **Levantamento dos sítios arqueológicos de Santa Luzia**.

Senado Federal – DF. IFHAEP – PB. 2004.

BÍBLIA SAGRADA. Almeida Revista e Atualizada, Sociedade Bíblica do Brasil.

BÍBLIA SHEED, Bíblia de Estudo. São Paulo: Ed. Vida Nova, 1997.

BRANDÃO, Ambrósio Fernandes. **Diálogo das Grandezas do Brasil**. 2. ed. Integral, segundo o apógrafo de Leiden, aumentada por José Antônio de Mello. Recife-PE: Imprensa Universitária, 1966.

BRITO, Gilvan de. **Viagem ao Desconhecido: Os Segredos da Pedra do Ingá**. Brasília-DF: 1998.

CARVALHO, Maria Gelza R. F. de. “Estado da Paraíba, classificação geomorfológica”, Ed. Universitária/ UFPB- FUNAPE. J. Pessoa, 1982.

CASAL, Pe. Aires de. “Coreografia Brasília, ou relação histórica e geográfica do reino do Brasil”, Ed. Universitária de São Paulo- 1976.

CAVALCANTI, Thiago LeandroVieira. **Apropriações e resignificações do mito de São Tomé na América: a inclusão do índio na cosmologia cristã**. Dourados-PR: UFGD, 2008.

CLEROT, Leon Francisco. “30 anos na Paraíba, memórias coreográficas e outras memórias”, Ed. Pongetti, Rio de Janeiro- 1969.

CLIO – Série arqueológica. ns. 5, 8, 9, 10, 15. 1989. Universidade Federal de Pernambuco. Recife – PE.

DAVIS, John D. **Dicionário da Bíblia**. 22. ed. São Paulo: Ed. JUERP, 1985.

DICIONÁRIO DE MITOLOGIA GRECO-ROMANA. São Paulo: ed. Abril Cultural, 1973.

ELIADE, Mircea. **O sagrado e o profano**. 9. ed. Trad. Rogério Fernandes. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

HERCKMANS, Elias. Descrição Geral da Capitania da Paraíba. **Jornal A União**. João Pessoa, 1982.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Visão do Paraíso: os motivos edênicos no descobrimento e colonização do Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

JOFILLY, Irineu. **Notas sobre a Paraíba**. Brasília: Editora Thesaurus, 1976.

KIDNER, Derek. **Gênesis**. São Paulo: Mundo Cristão, 1979.

KRAMER, Samuel Noah. **Os Sumérios**. Amadora-Portugal: Ed. Livraria Bertrand,

1977.

LÉVÊQUE, Pierre. **As Primeiras Civilizações**. Rio de Janeiro: Edições 70, 1987.

LIRA, José Fábio da Costa. As Antiguidades do Brasil. **IHGP**, v. 1, a. 1, João Pessoa: Ed.

MARTIN, Gabriela. **Pré- história do Nordeste do Brasil**. 2. ed. Recife-PE: Ed. Universitária/UFPE, 1997.

MENEZES, Washington Luís Alves de. **Pré-história na Paraíba**. Arquivo do PROCA, série textos e artigos, v. 1. 1999.

MONEY, Netta Kemp. **Geografia Histórica do Mundo Bíblico**. Belo Horizonte-MG: Ed. Vida, 1977.

MORAIS NETO, João Marinho de. Contribuição ao Cadastramento das Itacoatiaras do Vale do Sabugi, na fronteira seridoense da Paraíba. **Revista Arqueológica de São Paulo**, 1994.

OLIVEIRA, Adriana Machado Pimentel de. **Entre a pré-história e a história: em busca de uma cultura histórica sobre os primeiros habitantes do cariri paraibano**. João Pessoa: UFPB, 2009.

PACKER, J. I. **O Mundo do Antigo Testamento**. São Paulo: Vida, 1982.

PINTO, Irineu Ferreira. **Datas e Notas para a História da Paraíba**. v. 1. Recife-PE: Ed. Universitária/ UFPB- J. Pessoa, 1977.

RELATÓRIO – Programa de Conscientização Arqueológica – PROCA. Atividades de Levantamento Arqueológico no município de São José dos Cordeiros - PB. (Relatório das atividades parciais nos municípios paraibanos Contribuição para o cadastramento dos sítios a pré-históricos na Paraíba) – 2002.

RELATÓRIO – Programa de Conscientização Arqueológica – PROCA. Atividades de Levantamento Arqueológico no município de Serra Branca - PB. (Relatório das atividades parciais nos municípios paraibanos Contribuição para o cadastramento dos sítios a pré-históricos na Paraíba) – 2003.

RELATÓRIO – Programa de Conscientização Arqueológica – PROCA. Atividades de Levantamento Arqueológico no município de Santo André - PB. (Relatório das atividades parciais nos municípios paraibanos Contribuição para o cadastramento dos sítios a pré-históricos na Paraíba) – 2003.

RELATÓRIO – Programa de Conscientização Arqueológica – PROCA. Atividades de Levantamento Arqueológico no município de Riacho de Santo Antônio - PB. (Relatório das atividades parciais nos municípios paraibanos Contribuição para o

cadastro dos sítios a pré-históricos na Paraíba) – 2002.

RELATÓRIO – Programa de Conscientização Arqueológica – PROCA. Atividades de Levantamento Arqueológico no município de Barra de Santana - PB. (Relatório das atividades parciais nos municípios paraibanos Contribuição para o cadastramento dos sítios a pré-históricos na Paraíba) – 2003.

RELATÓRIO – Programa de Conscientização Arqueológica – PROCA. Atividades de Levantamento Arqueológico no município de Fagundes - PB. (Relatório das atividades parciais nos municípios paraibanos Contribuição para o cadastramento dos sítios a pré-históricos na Paraíba) – 2001.

RELATÓRIO – Programa de Conscientização Arqueológica – PROCA. Atividades de Levantamento Arqueológico no município paraibanos Contribuição para o cadastramento dos sítios a pré-históricos na Paraíba – 2002.

RELATÓRIO – Programa de Conscientização Arqueológica – PROCA. Atividades de Levantamento Arqueológico no município de Pedra Lavrada - PB. (Relatório das atividades parciais nos municípios paraibanos Contribuição para o cadastramento dos sítios a pré-históricos na Paraíba) – 2003.

RELATÓRIO – Programa de Conscientização Arqueológica – PROCA. Atividades de Levantamento Arqueológico no município de São Mamede - PB. (Relatório das atividades parciais nos municípios paraibanos Contribuição para o cadastramento dos sítios a pré-históricos na Paraíba) – 2003.

REVISTA SUPER INTERESSANTE. Coleção em CD-Rooms dos 15 anos da revista. Ed. Abril, São Paulo, 2003.

RICHARDSON, Don. **O fator Melquisedeque**: o testemunho de Deus nas culturas por todo o mundo. Trad. Neyd Siqueira. 2. ed. São Paulo: Vida Nova, 2008

TAMEN, Pedro. **Gilgamesh, Rei de Uruk**. São Paulo: Ed. Ars Poética, 1992.